

YU HUA

Crônica de um vendedor de sangue

Tradução

Donaldson M. Garschagen



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1995 by Yu Hua
Direitos mundiais reservados ao proprietário

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Xu Sanguan mai xue ji (traduzido do inglês a partir da edição *Chronicle of a blood merchant*, Random House, 2003)

Capa

Mayumi Okuyama

Foto de capa

Hiroji Kubota/ Magnum Photos / LatinStock

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Márcia Moura

Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hua, Yu

Crônica de um vendedor de sangue / Yu Hua ; tradução Donaldson M. Garschagen. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: *Chronicle of a blood merchant*.

ISBN 978-85-359-2000-0

1. Ficção chinesa I. Título.

11-12220

CDD-895.13

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura chinesa 895.13

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

Xu Sanguan trabalhava na fábrica de seda, na cidade, distribuindo casulos de bichos-da-seda às fiandeiras. Mas nesse dia achava-se no campo, visitando o avô. A vista do avô estava fraca e anuviada, e ele não conseguiu distinguir quem estava em pé na porta. Pediu a Xu Sanguan que chegasse um pouco mais perto, examinou-o de alto a baixo um instante e perguntou: “Meu filho, onde está seu rosto?”.

Xu Sanguan disse: “Vovô, eu não sou seu filho, sou seu neto, e meu rosto está bem na sua frente”. Puxou a mão do avô para seu rosto, deixou que ele o tocasse e depois a pôs de volta no colo do homem. As palmas da mão do avô pareciam feitas de seda.

O avô perguntou: “Por que seu pai não vem me ver?”.

“Papai morreu há muito tempo.”

O avô fez um gesto de assentimento, e um fio de saliva escorreu de seus lábios. Inclinou a cabeça e chupou a saliva até que parte dela voltou para sua boca. “Meu filho, como você está de saúde?”

“Eu estou bem”, respondeu Xu Sanguan. “Vovô, eu não sou seu filho.”

O avô fez outra pergunta: “Você também vende sangue?”.

Xu Sanguan negou com a cabeça. “Não, eu nunca vendi sangue.”

“Meu filho, você disse que tem boa saúde, mas que nunca vendeu sangue. Acho que está querendo me fazer de bobo.”

“Vovô, o que o senhor quer dizer? Não estou entendendo. Ficou caduco?”

O avô fez que não com a cabeça.

Xu Sanguan acrescentou: “Vovô, eu não sou seu filho. Sou seu neto”.

“Meu filho”, continuou o avô, “seu pai não quis me dar ouvidos. ‘Se engraçou com uma ‘flor’ ou sei lá quem na cidade.’”

“Flor Dourada. É minha mãe.”

“Seu pai disse que já tinha idade para se casar. Disse que queria ir para a cidade e se casar com uma ‘flor’ ou sei lá quem. Eu disse: ‘Seus dois irmãos mais velhos ainda não se casaram’. Se o mais velho ainda nem tinha se casado, como eu podia permitir que o mais novo tivesse uma esposa antes dele? Por aqui, as pessoas têm certas regras de comportamento.”

Xu Sanguan estava sentado no telhado da casa de seu quarto tio, olhando para o horizonte. O céu era uma camada carmesim que parecia brotar dos arrozais lamacentos e distantes, transformando as plantações num vasto espaço vermelho-tomate. Tudo era vermelho-vivo — os riachos e as trilhas que descreviam curvas sinuosas pelos campos, as árvores, as cabanas cobertas de palha e os tanques de peixes, até mesmo os rolos de fumaça que subiam, retorcendo-se, das chaminés da aldeia.

O quarto tio de Xu Sanguan estava espalhando fertilizante na

plantação de melancias ao lado da casa, quando passaram por ali duas mulheres, uma mais velha e outra mais jovem. O tio de Xu Sanguan disse: “Guihua está cada vez mais parecida com a mãe”.

A mulher mais nova sorriu, e a mais velha avistou Xu Sanguan sentado no telhado. “Quem é aquele sentado em seu telhado?”

O tio de Xu Sanguan respondeu: “É o filho do meu terceiro irmão”.

Os três embaixo ergueram o olhar para Xu Sanguan, que começou a dar risadinhas, olhando para a moça chamada Guihua. Ela baixou o olhar. A mulher mais velha disse: “Ele está igualzinho ao pai”.

O tio de Xu Sanguan disse: “Guihua vai se casar no mês que vem, não é?”.

A mulher mais velha negou com a cabeça. “Guihua *não* vai se casar no mês que vem. Nós desmanchamos o noivado.”

“Desmancharam o noivado?” O espalhador de fertilizante caiu da mão do tio de Xu Sanguan.

A mulher mais velha baixou a voz. “O rapaz não tem boa saúde. Só consegue comer uma tigela de arroz de cada vez. Até Guihua come duas tigelas de arroz numa refeição.”

O tio de Xu Sanguan baixou a voz também. “Como foi que esse rapaz estragou a saúde?”

“Eu não sei direito o que aconteceu. Primeiro ouvi dizer que já fazia quase um ano que ele não ia ao hospital vender sangue. Isso me fez pensar que ele devia ter algum problema, de modo que pedi a uma pessoa para dizer a ele que viesse jantar em nossa casa, para eu ver com meus próprios olhos o quanto ele comia. Achei que se ele comesse umas duas tigelas de arroz, eu ia ficar tranquila. E se comesse três, Guihua seria dele. Ele comeu uma tigela, mas quando eu me levantei para buscar mais ele disse que estava satisfeito, que não aguentava comer mais

nada. Imagine só um homem grande como aquele não poder comer um pouquinho mais. Bem, eu achei que havia alguma coisa errada com ele, com certeza.”

O tio de Xu Sanguan aprovou com um gesto de cabeça. “Vejo que você é uma mulher prevenida.”

A mulher mais velha respondeu: “É para isso que servem as mães”.

As duas mulheres olharam de novo para Xu Sanguan, que continuava rindo e olhando para Guihua. A mulher mais velha repetiu: “Ele está igualzinho ao pai”.

As mulheres foram embora, uma na frente da outra. Ambas tinham traseiros grandes, e olhando para elas lá de cima Xu Sanguan não tinha como determinar onde terminavam suas nádegas e começavam as coxas. Depois que elas se foram, ele ficou vendo o quarto tio espalhar fertilizante na plantação das melancias, enquanto o sol se punha e o corpo do tio se tornava cada vez mais indistinto na bruma do crepúsculo.

“Durante quanto tempo vai trabalhar ainda, tio?”

“Daqui a pouco eu termino”, respondeu o tio.

“Tio, tem uma coisa que eu não compreendo e queria perguntar.”

“Pergunte.”

“É verdade que as pessoas que vendem sangue têm mais saúde?”

“É isso mesmo”, disse o quarto tio. “Você não ouviu o que a mãe de Guihua acabou de dizer? Por aqui, os homens que nunca venderam sangue não conseguem se casar.”

“Que tipo de regra é essa?”

“Não sei se isso é uma regra ou não, mas todo mundo que tem boa saúde vende sangue. A pessoa recebe trinta e cinco iuanes cada vez. Isso é mais do que se ganha trabalhando seis meses no campo. E o sangue é que nem a água de um poço. Se você

nunca usa o poço, ele seca, mas se você tira água todo dia, ele sempre tem a mesma quantidade de água da véspera.”

“Mas, tio, nesse caso vender sangue é uma mina de dinheiro!”

“Isso vai depender de você estar em forma ou não. Se você não está bem, pode acabar vendendo a vida junto com o sangue. Quem quer vender sangue precisa ser examinado pelo hospital. Eles tiram um tubo de sangue da pessoa e veem se ela está bem de saúde. Só deixam vender sangue quem tem boa saúde.”

“Quarto tio, em sua opinião: eu estou em condições de vender sangue?”

O quarto tio olhou para o sobrinho, que também olhou para ele, sem camisa e rindo. Os músculos em seus braços pareciam firmes, e o quarto tio disse: “Está. Você pode vender sangue”.

Xu Sanguan ficou rindo sozinho até que outro pensamento passou por sua cabeça e ele olhou para o tio lá de cima do telhado. “Quarto tio, quero perguntar outra coisa.”

“O que é?”

“O senhor disse que quando examinam a gente no hospital, eles tiram um tubo de sangue, não foi?”

“Isso.”

“E eles pagam por esse sangue?”

“Não”, respondeu o quarto tio. “Esse sangue você dá, de graça.”

Três homens seguiam pela estrada. O mais velho estava na casa dos trinta anos, enquanto o mais jovem só tinha dezenove. Xu Sanguan, que caminhava entre os dois, tinha uma idade intermediária. Disse aos dois companheiros: “Vocês estão levando melancias e cada um carrega uma tigela no bolso. Vão vender essas melancias na cidade depois de vender sangue? Um, dois,

três, quatro... Cada um de vocês está levando quatro melancias. Por que tão poucas? Por que cada um não está trazendo cinquenta quilos? E para que essas tigelas? Por que não trouxeram comida? O que vão comer no almoço?”

“A gente nunca traz nada para comer quando vai vender sangue”, respondeu Genlong, o rapaz de dezenove anos. “Quando a gente acabar de vender sangue, vai a um restaurante para comer um prato de fígado de porco frito e beber duas doses de vinho de arroz amarelo.”

O homem mais velho, que se chamava Ah Fang, explicou: “O fígado de porco é bom para produzir sangue. E o vinho de arroz fortalece o sangue”.

Xu Sanguan perguntou de novo: “Você disse que vende quatrocentos mililitros de cada vez. Quanto é isso?”

Ah Fang tirou uma tigela do bolso: “Está vendo essa tigela?”. “Estou.”

“Duas dessas de cada vez.”

“Duas tigelas?” Xu Sanguan se surpreendeu. “Dizem que é preciso uma tigela inteira de arroz para produzir só algumas gotas de sangue. Então, quantas tigelas de arroz a gente tem de comer para produzir duas tigelas de sangue?”

Ah Fang e Genlong riram. Ah Fang disse: “Comer só arroz não adianta. Você tem de comer o fígado de porco e beber vinho de arroz”.

“Xu Sanguan, você não disse agora mesmo que estamos trazendo poucas melancias?”, disse Genlong. “Vou explicar. Hoje não queremos vender melancias. Essas aqui são para dar de presente.”

Ah Fang acrescentou: “São para o Chefe do Sangue Li”.

“Quem é o Chefe do Sangue Li?”

Tinham chegado à cabeceira de uma pontezinha de madeira. Um ribeirão serpenteava e sumia na distância, ora se

alargando, ora se estreitando ao percorrer os campos. Ervas verdes apareciam sobre a superfície da água, prendendo-se às margens da corrente e subindo pelas bordas dos arrozais.

Ah Fang se deteve e disse a Genlong: “Genlong, é melhor a gente beber um pouco de água”.

Genlong pôs no chão o pau em que carregava as melancias e gritou: “Hora de beber água!”.

Ambos tiraram as tigelas do bolso e desceram o barranco. Xu Sanguan foi para o meio da ponte, de onde os viu mergulhar as tigelas na corrente, mexendo-as de um lado para o outro a fim de afastar as ervas e as sujeiras da área diante deles. Feito isso, cada um deles engoliu, com ruído, quatro ou cinco tigelas de água.

Ainda de onde estava, Xu Sanguan gritou para eles: “Vocês dois comeram muita conserva salgada de manhã?”.

Ah Fang levantou os olhos. “Não comemos nada de manhã, só bebemos oito tigelas de água cada um. E além dessa água que acabamos de tomar, vamos ter de parar na cidade e beber mais um pouco, até quase rebentar nossos estômagos e os dentes começarem a doer. Quanto mais água a gente bebe, mais sangue a gente tem no corpo. A água se mistura com o sangue.”

“Mas isso não faz o sangue ficar aguado?”

“Claro. Mas a quantidade de sangue aumenta.”

“Agora estou entendendo por que vocês trouxeram as tigelas”, disse Xu Sanguan, descendo também o barranco para o ribeirão.

“Um de vocês me empresta uma tigela? Vou beber um pouco também.”

Genlong lhe passou sua tigela. “Use a minha.”

Xu Sanguan pegou a tigela e agachou-se junto da corrente.

Ah Fang disse: “A água em cima e no fundo é suja. Beba a do meio”.

Quando acabaram de beber água, retomaram a caminhada. Agora Ah Fang e Genlong passaram a andar um junto do outro, enquanto Xu Sanguan ia ao lado deles, atento aos rangidos rítmicos dos paus que levavam no ombro.

Xu Sanguan disse: “Vocês estão carregando esses paus desde que saímos. Deixem eu levar um”.

Genlong disse: “Pegue o de Ah Fang um pouco”.

Ah Fang disse: “Algumas melancias não me incomodam. Quando eu vou à cidade vender melancias, quase sempre carrego uns cinquenta quilos de uma vez”.

Xu Sanguan perguntou: “Vocês falaram de um Chefe do Sangue Li. Quem é ele?”.

“O Chefe do Sangue Li”, explicou Genlong, “é o careca encarregado de comprar sangue para o hospital. É ele que decide quem pode vender sangue e quem não pode.”

“Por isso vocês chamam ele de Chefe do Sangue Li”, concluiu Xu Sanguan.

Ah Fang continuou: “Às vezes tem muita gente querendo vender sangue, mas poucos doentes no hospital precisando de sangue. Quando isso acontece, tudo depende de você cair ou não nas boas graças do Chefe do Sangue Li. Porque só as pessoas que caem nas boas graças dele conseguem vender sangue”.

Ah Fang procurou explicar: “É o que quer dizer estar nas boas graças do Chefe do Sangue Li? Como ele mesmo diz, ‘É uma pessoa se lembrar de mim até quando não precisa vender sangue nenhum. É se lembrar de mim de vez em quando’. E o que quer dizer se lembrar dele de vez em quando?”.

Ah Fang apontou para as melancias que pendiam do pau. “Isso é que é se lembrar dele de vez em quando.”

“E tem mais gente que se lembra dele também”, acrescentou Genlong. “Uma moça chamada Ying não-sei-o-quê se lembra dele o tempo *todo*.”

Os dois explodiram numa gargalhada. Ah Fang disse a Xu Sanguan: “Ela cai nas boas graças dele debaixo dos lençóis. Se um dia ela resolver vender sangue, todo mundo vai ser obrigado a esperar, todo mundo mesmo. E se algum sujeito destratar essa moça, xi... Pode até ser um Imortal, mas o Chefe do Sangue Li não vai querer o sangue dele nem de graça”.

Enquanto conversavam, chegaram às cercanias da cidade. Assim que entraram no centro, Xu Sanguan se adiantou, pois morava ali e conhecia bem as ruas. Os dois lhe disseram que queriam achar um bom lugar para beber mais um pouco de água. Xu Sanguan disse: “Depois que vocês entram na cidade, não devem mais beber água do rio. Aqui ela é muito suja. Vou levar vocês a um poço”.

Ah Fang e Genlong seguiram Xu Sanguan, que os conduziu por um beco estreito e tortuoso, dizendo: “Não estou mais aguentando. Vamos achar um lugar para mijar”.

Genlong disse: “Você não pode mijar, senão vai desperdiçar toda a água que bebeu. E vai ter menos sangue no corpo”.

Ah Fang disse a Xu Sanguan: “Nós bebemos muito mais água do que você e ainda estamos aguentando”. Virou-se para Genlong: “A bexiga dele é pequena”.

Franzindo a testa por causa da dor que lhe causava a bexiga cheia, Xu Sanguan começou a andar cada vez mais devagar pelo beco. “Isso pode matar?”

“O que você quer dizer com matar?”

“Me matar! Quer dizer, meu estômago pode rebentar?”

“As raízes de seus dentes estão doendo?”, perguntou Ah Fang.

“Meus dentes? Vou ver... Não, acho que não.”

“Então não precisa se preocupar”, afirmou Ah Fang. “Enquanto você não sentir dor nos dentes, sua bexiga não corre perigo de estourar.”